

Há na vida, na história da humanidade, na linha do tempo, diferenças em tudo. É ela, a diferença, que faz realmente diferença. Sem as diferenças o mundo não funcionaria, ou seria possível idealizá-lo com um só ritmo musical, uma única escola literária, uma só religião, um só time de futebol, uma única ideologia política? Se assim o fosse a história da humanidade não teria se construído e, conseqüentemente não teríamos chegado aonde chegamos, assim como também não teríamos mais possibilidade de evolução.

A paixão e a falta de conhecimento técnico atrapalham demasiadamente a aceitação da diferença. Defender uma ideia sustentado somente pelo sentimento pessoal, associado a uma rápida leitura pelas manchetes do tipo VEJA e ISTOÉ, mais a audiência ativa ao Jornal Nacional é literalmente patético. Patético a um nível que obriga o interlocutor a calar e contemplar um mundo de barbaridades proferidas com tom de tese de doutorado, calado, para rimar. (Diz um ditado popular que, “quem rima sem querer é besta sem saber”).

As ideias e convicções devem se construir através da leitura, do estudo técnico, da dedicação, o que conduzirá ao inevitável reconhecimento social daquele individuo quanto a determinado assunto, pois que, não esqueçamos jamais, somos a soma daquilo que pensamos ser somados com aquilo que os outros pensam de nós.

O conhecimento está diretamente atrelado à dedicação que se derrama a fim de buscar a mais consistente argumentação no que se refere à tese que se pretende defender sobre determinado assunto. Argumentações devem ser revestidas de dados técnicos, consistentes, conseqüentemente convincentes e isto exige estudo, dedicação e determinação pelo menos.

Inevitável a paixão pois, por obvio que o interesse por determinado ramo do conhecimento nasce com esta. Não se pode é permitir que este sentimento atrapalhe a busca pelo aprofundamento,

pela busca de informações, acreditando-se que o fogo da paixão pelo tema é suficiente para garantir boas sustentações na defesa de suas ideias.

Pois bem, assim como há diferenças em tudo na vida, antes de me tornar redundante neste contexto, vou direto ao propósito afirmando que, há também grande diferença entre ser pai e gerar um filho. A segunda tarefa é infinitamente mais suave.

Mas, quando se trata dos filhos, seria querer demais que deixássemos de lado toda a paixão. Resta impossível. Mas, não por isto deva esta ser cega. Assim como também resta impossível que seja de todo lúcida, mas também não precisa ser demente.

Externar uma paixão, qualquer que seja ela, exige cuidado e não é diferente quanto aos filhos. Dizer que o seu é o maior, o mais bonito, o mais inteligente, o mais dinâmico, pode causar uma certa inquietação em quem escuta. Para mim, assim como também pode ser para você leitor, é indiferente. Sempre que me deparo com situações como esta me digo calado: MAIOR É O MEU !!

*Por Luiz Fernando Balby Ferreira é consultor ad hoc do programa Gespública, advogado atuante na área criminal, instrutor, palestrante e cronista.*